

D. A. CARSON

O DISCURSO DE
DESPEDIDA E A

**ÚLTIMA
ORAÇÃO**

DE JESUS

EXPOSIÇÃO
DE JOÃO 14-17




VIDA NOVA



Sumário

<i>Prefácio</i>	9
1. PRÓLOGO (Jo 13)	11
2. UMA INTRODUÇÃO À FÉ TRIUNFANTE (Jo 14.1-14)	17
3. A VINDA DO ESPÍRITO DA VERDADE (Jo 14.15-24)	43
4. TRÊS ESCLARECIMENTOS (Jo 14.25-31)	65
5. INTIMIDADE ESPIRITUAL COM JESUS CRISTO (Jo 15.1-16)	85
6. CALCULANDO O CUSTO (Jo 15.17-16.4)	107
7. DOIS MINISTÉRIOS ESPECIAIS DO ESPÍRITO (Jo 16.5-15)	127
8. MAS, PRIMEIRO, A CRUZ (Jo 16.16-33)	145
9. JESUS ORA POR SI MESMO E POR SEUS SEGUIDORES (Jo 17.1-19)	161
10. JESUS ORA POR TODOS OS CRISTÃOS E PELO MUNDO (Jo 17.20-26)	181



Prefácio

Durante os últimos oito anos passei mais tempo estudando o Evangelho de João que qualquer outra parte das Escrituras. Isso demonstrou ser uma lição de humildade. João é simples o bastante para uma criança ler e complexo o bastante para exaurir a capacidade mental das maiores mentes. Como disse um comentarista, o livro é como uma piscina em que uma criança pode brincar e um elefante pode nadar. Não sou um elefante; mas tomei consciência dos muitos pontos cuja profundidade está além do meu alcance.

Até agora, o que escrevi a respeito desse Evangelho foi preparado para o ministro de boa formação ou para o estudante sério e só está disponível em publicações ou em livros que não costumam ser lidos pelo leitor comum. No entanto, estou cada vez mais convencido de que aqueles de nós que pela graça de Deus tiveram o privilégio de passar muito tempo estudando as Escrituras devem o fruto de seu trabalho não só à comunidade acadêmica, mas também à igreja em geral. Há necessidade tanto das abordagens acadêmicas como das populares; mas este volume pertence à segunda categoria. Ele se originou de uma série de palestras ministradas em várias conferências no Canadá e nos Estados Unidos. Estas foram retrabalhadas e reescritas como

ensaios, forma mais adequada à página impressa do que um sermão; no entanto, absteve-me propositalmente de eliminar todos os traços da forma anterior.

É comum na comunidade acadêmica afirmar que o Jesus histórico foi responsável por muito pouco do ensino registrado em João 14—17. Ficará rapidamente óbvio que não sou tão cético. Com alguma hesitação, absteve-me de acrescentar um apêndice para explicar minha abordagem às questões histórico-críticas (como fiz em *The sermon on the mount: an Evangelical exposition of Matthew 5—7*, também publicado pela Baker);¹ e só raramente aludi a questões de autenticidade ao longo da exposição. Os interessados em saber como eu abordaria tais problemas podem ler “Current source criticism of the fourth Gospel: some methodological questions” (in: *Journal of Biblical Literature* 97 [1978]: 411–29), e “Historical tradition in the fourth Gospel: after Dodd, what?” (in: D. Wenham, org., *Gospel Perspectives* [1981], vol. 2).

Renae Grams e Karen Sich datilografaram o texto com exatidão, eficácia e animação características; e sou muito grato.

Oro para que estes breves estudos sejam tão proveitosos espiritualmente para aqueles que os leem como foram para mim enquanto os preparava. Mas, acima de tudo, oro para que este volume encoraje muitos a voltarem repetidamente às próprias Escrituras. Tudo o que nos ajuda a melhor entender, obedecer e acreditar na Palavra de Deus contribui para nosso bem-estar eterno; mas a fonte última desse bem-estar é tão somente Deus.

Soli Deo gloria.

D. A. CARSON,
Trinity Evangelical Divinity School,
Deerfield, Illinois,
fevereiro de 1980

¹Edição em português: *O Sermão do Monte: exposição de Mateus 5—7* (São Paulo: Vida Nova, 2019).

Prólogo

A atmosfera no espaçoso aposento superior era tensa, infeliz, incerta. A noite havia sido ruim desde o começo. Os discípulos tinham se reunido com Jesus, como combinado, e subido ao aposento superior, onde a comida já estava preparada. Eles olharam ao redor procurando o servo habitual que lhes lavaria os pés; porém, não vendo ninguém, e sendo educados demais para mencioná-lo, estiraram-se sobre as esteiras em volta da mesa baixa sem dizer nenhuma palavra. Jesus ofereceu a tradicional prece de ação de graças, e então perceberam que Jesus estava se levantando da esteira. A conversa cessou. O Mestre retirou o manto em silêncio. Para a total consternação deles, ele se dirigiu ao lavatório, amarrou a toalha à cintura, pegou a grande bacia de água e se dirigiu ao discípulo mais próximo.

Mestres não deveriam fazer coisas desse tipo. Nem mesmo os iguais deveriam lavar os pés uns dos outros: esse é um trabalho para servos — para aqueles da mais baixa posição, aliás. O primeiro discípulo, surpreso demais para se mexer, constrangido demais para protestar, sentiu que suas sandálias estavam sendo retiradas e, depois, a água fria e a toalha seca. O Mestre passou ao segundo discípulo, e ao terceiro; e durante todo esse tempo o silêncio era ensurdecedor.

Tipicamente era Simão Pedro quem rompia o silêncio. Enquanto Jesus se aproximava para lavar seus pés, Pedro encolheu as pernas e indicou a impropriedade do ato do Mestre com o que julgou ser uma pergunta sagaz:

— Senhor, tu lavarás os meus pés?

Jesus endireitou as costas, olhou-o nos olhos e respondeu calmamente:

— Você não entende agora o que estou fazendo; mais tarde, porém, entenderá.

A voz de Pedro se endureceu; alguém tinha que dizer alguma coisa. Se o Mestre não conseguia perceber que estava se rebaixando, Pedro precisaria dizer isso a ele.

— Não — ele disse —, tu nunca lavarás meus pés.

Jesus continuava a olhá-lo com olhar inabalável.

— A não ser que eu o lave — ele disse —, você não terá parte comigo.

Confronto aberto. Por um instante o ar parado carregou-se de suspense. Jesus não reconhecia que Pedro estava falando por amor? Entretanto, confrontado com uma resposta como aquela, Pedro agora hesitava em responder à altura. Ele decidiu aproveitar da situação e declarar seu amor de forma diferente.

— Então, Senhor — respondeu ele —, não somente meus pés, mas também minhas mãos e minha cabeça.

Isso poderia ter aliviado a situação; mas então Jesus acrescentou algo mais, algo que, naquele momento, era altamente enigmático e que reintroduziu o ar sombrio e fatídico no aposento. Ele disse:

— Quem se banhou só precisa lavar os pés; seu corpo todo está limpo. E — acrescentou, olhando ao redor do aposento —, vocês estão limpos, mas nem todos.

Assim, no silêncio total que se seguiu, ele terminou de lavar os pés deles.

Os discípulos viram Jesus enxugar as mãos, vestir o manto e retornar à sua esteira. Incapazes de se entreolharem, constrangidos tanto por si mesmos como por seu Mestre, eles estavam silenciosamente gratos pelo fim do episódio. E então, de repente, o fim não havia chegado; porque Jesus começou a falar novamente.

— Vocês entendem o que lhes fiz? — ele perguntou.

Eles entendiam bem o suficiente; ele havia lavado os pés deles. Mas então começaram a perceber que ele esperava uma resposta mais profunda. O que Jesus havia feito foi para dar-lhes um exemplo; e, enquanto percebiam lentamente essa verdade, trazida à tona pela pergunta silenciosa, perceberam que suas respostas incertas eram confirmadas enquanto Jesus respondia à sua própria pergunta.

— Vocês me chamam “Senhor” e “Mestre” — ele disse —, e corretamente, porque é isso que sou. Agora que eu, seu Senhor e Mestre, lavei os pés de vocês,

vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que façam como lhes fiz. Em verdade lhes digo que nenhum servo é maior que seu mestre, nem é o mensageiro maior que aquele que o enviou. Agora que vocês sabem essas coisas, felizes serão se as praticarem.

Esse foi o primeiro episódio constrangedor da noite. Jesus havia falado em termos vagos a respeito de traição e outros assuntos sombrios; mas naquele momento o que ele estava dizendo não parecia muito coerente. A conversa gradualmente voltou ao normal, e o banquete começou. Estranhamente, enquanto a atmosfera melhorava, Jesus parecia ficar cada vez mais desanimado, profundamente perturbado em seu espírito. A conversa minguou. Aproveitando o silêncio, Jesus falou novamente, dessa vez com clareza.

— Em verdade lhes digo — disse ele —, um de vocês me trairá.

A atmosfera instantaneamente voltou a ficar sufocante. O silêncio retornou, cobrindo tudo como um cobertor, enquanto os discípulos se entreolhavam, atônitos. Dessa vez não havia nenhuma dúvida quanto ao sentido das palavras do Mestre. A única pergunta era qual discípulo Jesus tinha em mente. Os olhares ao redor da mesa baixa eram variados: curiosos, inexpressivos, assustados. A ceia foi interrompida.

Em uma explosão de perguntas confusas, vários perguntaram incredulamente se era neles que o Senhor estava pensando; e Judas Iscariotes uniu-se a eles.

Pedro recuperou-se primeiro; mas, lembrando-se de que seu último desabafo havia recebido uma repreensão um tanto áspera, relutou em lançar a pergunta óbvia. Vendo que João olhava para ele, sussurrou a pergunta que agora se formava na mente de todos.

— Pergunte de quem ele está falando — gesticulou ele, acenando para João, que estava reclinado na esteira ao lado de Jesus.

João, apoiado no braço esquerdo, curvou-se lentamente para trás, para poder falar com Jesus. A cabeça de João reclinou-se sobre o peito de Jesus; e então João perguntou silenciosamente:

— Senhor, quem é?

Jesus respondeu:

— Aquele a quem eu darei este pedaço de pão que molhei no prato.

Todos olharam para Jesus. Ninguém disse nada. Lentamente, Jesus molhou o pão no prato, chacoalhou-o para remover o excesso e ofereceu o pão a Judas Iscariotes.

Agora todos olharam para Judas. Não parecia possível que ele fosse um traidor. Não havia ele estado com eles desde o começo, pregando e realizando

milagres com os melhores deles? Não havia ele conquistado confiança e respeito suficientes para servir como tesoureiro? Era difícil acreditar que Judas poderia se tornar um vira-casaca. Quando isso aconteceria? Ou estava Jesus simplesmente oferecendo uma advertência e esperando que uma tendência perigosa pudesse ser cortada pela raiz com uma palavra afiada, com a exposição pública?

Mesmo assim Jesus ofereceu o pão a Judas. Judas sentiu os olhares. Envergonhado e taciturno, ele nada disse enquanto sua mente frenética examinava o que deveria fazer em seguida. Ele já havia feito os preparativos para trair Jesus, e agora havia chegado a uma decisão final. Ele havia achado o episódio do lava-pés tão humilhante, tão inadequado para um suposto Messias, que percebeu que sua decisão de trair Jesus havia sido consideravelmente reforçada. E agora isso! A audácia desse Jesus! Mas qual era a intenção de Jesus? Ele o estava advertindo? Ou rogando que se recusasse a tomar o pão? Ou denunciando o blefe dele? Ou tentando dissuadi-lo por meio da vergonha? Apenas repare no olhar atônito e estúpido desses sujeitos — eles não parecem reconhecer que sua vitalidade e independência estão sendo castradas por esse Mestre curiosamente cativante, mas manso e fraco demais para providenciar a liderança de que a nação precisa.

Firmemente, decisivamente, Judas esticou o braço e tomou o pão molhado. O desafio foi aceito, ou o blefe foi denunciado. Judas atravessou seu Rubicão¹ pessoal, e Satanás se apossou dele.

Então Jesus voltou a falar, dirigindo-se diretamente a Judas:

— O que você está para fazer, faça depressa.

Judas respondeu com silêncio pétreo; todavia, ergueu-se da esteira e pôs-se lentamente em pé. Os outros observavam, atônitos, incertos. Não lhes ocorria que Jesus estava de fato dizendo a Judas para prosseguir com a traição, para traí-lo rapidamente; pois que homem em sã consciência diria isso? Eles não podiam imaginar tal coisa, porque continuavam não conseguindo acreditar que seu Mestre estava deliberada e decididamente dando todos os passos que o levariam à sua própria execução cruel. Incapazes a essa altura de entender a necessidade da cruz no plano de Deus e a submissão voluntária de Jesus a esse plano, eles não tinham categoria mental em que pudessem colocar os comentários de Jesus ou com que pudessem dar sentido à ordem de Jesus a Judas. Talvez, especulavam eles, Jesus estivesse passando a algum novo assunto. Talvez Jesus

¹Referência ao rio Rubicão, na Itália, e ao famoso episódio em que Júlio César, contrariando a lei romana de que nenhuma tropa deveria atravessar o rio, avançou com seu exército, vindo do norte, em direção a Roma. (N. do E.)

O QUE PODEMOS APRENDER COM OS ÚLTIMOS ENSINAMENTOS DE JESUS ANTES DA CRUCIFICAÇÃO?

A atmosfera era tensa, infeliz, incerta. São essas as palavras que abrem este livro, uma descrição sucinta da última noite de Jesus com seus discípulos. Nessa noite, após comer a Última Ceia e antes de ser preso, Jesus profere seu “Discurso de Despedida”, relatado apenas pelo apóstolo João, numa passagem considerada o clímax da história terrena de Jesus, o momento decisivo em que a tensão atinge seu ápice e começa a se resolver.

Em *O Discurso de Despedida e a Última Oração de Jesus*, D. A. Carson dedica sua atenção aos capítulos de 14 a 17 do Evangelho de João e analisa a mensagem final de Jesus a seus discípulos, uma mensagem de conforto, promessas, encorajamento e esperança. Mesclando academicismo, exposição sólida e linguagem em prosa — que em diversos momentos faz com que o leitor se sinta parte dos acontecimentos —, Carson explica os ensinamentos de Jesus sobre a vinda e a obra do Espírito Santo e, por fim, analisa a Oração Sacerdotal de João 17, em que Jesus ora por si mesmo, por seus seguidores e, finalmente, por nós.


VIDA NOVA
vidanova.com.br

 /vidanovaedicoes

 @edicoesvidanova

 @edicoesvidanova

ISBN 978-85-275-0890-2

